



**DR. SIDÓNIO PAES**

Presidente da Republica Portuguesa, assassinado em Lisboa  
na noite de 14 de Dezembro de 1918

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR e EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto*

**Ilustração Catholica**

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias*—Um anno, 48800.  
Semestre, 28400. Trimestre, 18200 rs.

À cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,  
acresce o importe das despesas.

*Extrangeiro* — Um anno, 58400.

Numero avulso, 100 rs.

Reg. Nº.

Cota

Data: 14/12/1918

UCP - BRAGA

1665



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso  
 EDITOR E ADMINISTRADOR  
 Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 21 de Dezembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia  
 83, R. dos Martyres da Republica, 91  
 N.º 1 se restituem os originaes

Numero 286—Anno VI



Dr. Sidonio Paes

Um dos ultimos retratos do saudoso Chefe de Estado.

Universidade Católica Portuguesa  
 BIBLIOTECA  
 FACULDADE DE THEOLOGIA  
 BRAGA



Domingo, 15.

**D**ELA manhã entravam-me no quarto a acordar-me:  
— Dr., mataram o Sidonio!  
Eu não o suppozêra, não o admittia sequer no espirito. A bravura do presidente contagiara-me. Crio n'ella como n'um dom de Deus.

Tinha assistido, seis dias antes, aquella espantosa aclamação popular no Parque Eduardo VII. Vira o delirio com que o povo saudára aquellas palavras do chefe amado:

— O povo conquistou o Parque. Está bem guardado!

E havia gente, ajoelhada, beijando a terra da victoria...

E vira depois toda aquella onda immensa a invadir de alto a baixo a Avenida cercando a Sidonio Paes, contente, verdadeiramente contente, quando sentia junto do seu corpo o calor da alma popular.

O Rocio, meia hora apoz essa caminhada triumphal, não tinha um logar devoluto. Sidonio Paes a cavallo estava ao pé da estatua do Dador e o povo abraçava-o n'uma loucura, pedindo-lhe que fallasse. Fez-lhe a vontade; e o leitor como eu mesmo, difficilmente, muito difficilmente alcançaria reproduzir o que se passou, quando Sidonio Paes rematou a breve allocução:

— A Republica Nova não morrerá porque — creio o bem! — Deus está com ella!

Dir-se hia que o nome de Deus reganhára o seu dominio nas almas da turba que ha tantos annos d'Elle se esquecera, e alli, na hora da commemoração do triumpho, sahido da bocca do heroe, era como a revelação consagrada, do formidavel segredo da libertação, d'esse tão bello acordar da consciencia publica como o não vira a monarchia carlista, como o não vira o proprio 5 d'outubro!

A' noite S. Carlos, na phrase d'um illustre titular que a um lado estava, vivia uma das mais lindas noites do velho tempo, no luxo e nas pedrarias, na elegancia e na belleza. E quando Sidonio Paes appareceu na tribuna, pallido, com o seu porte de soldado, a sua distincção de chefe innato, os olhos vivos, e aquelle sorriso em que havia um não sei quê de carinho, affabilidade e quiçá de tristeza que ninguem sabia se era feito apenas de cansaço, eu vi todos de pé n'uma aclamação enorme, inexprecivel como o scenario em que ella se produzia.

Foi essa a ultima vez que vi o presidente...

Homens calmos, reflectidos, não escondiam o poder de fascinação e de attractivo que elle exercia. Um illustrado engenheiro que hoje está galgando no jornalismo um novo lanço de triumphos, confessava-me que um dia em Belem

fizera um grande esforço para fugir a esse *charme*, e poder diseutir um projecto com o presidente. Compreendêr então melhor, porque um politico como Moreira d'Almeida, depois de fallar pela primeira vez com Sidonio Paes, declarou que fôra essa tambem a vez primeira que sentira como monarchico inveja da Republica.

Eu estive um quarto d'hora antes no mesmo sitio em que o presidente foi assassinado. No fluir da conversa com um amigo, apreciando o desenrolar da questão Telles de Vasconcellos, e a atmospheria politica, eu aventára des-cuidoso:

— Quem sabe se se dará aqui mesmo uma scena de tiros?

Quando sahi, chegava a força da guarda republicana para fazer a guarda de honra. O Rocio estava um pouco mais concorrido, mas no *brouhaha*, atravessado pelos progões, pelo rodar dos carros, pelo rumor dos *autos* illuminados e dos electricos, nada se notava de anormal...

Que muito pois, que n'aquelle domingo pela manhã, a noticia fulminadora e trágica me parecesse o resto d'um pedáello apenas?

Desci á Baixa. Era o terror que pairava.

— Isto não fica assim! Corja de pulhas e assassinos! dizia-me furioso um guarda enquanto eu esperava o electrico a Santa Barbara. Eu assisti a tudo, mas sabe o snr? isto não fica assim. Não de ir todos!

Cá em baixo procurei orientar-me.

— A revolta democratica deu-se?

— Não. Ficavam esmagados...

— E o exercito então, fez-se ouvir? inquiri ainda cheio de esperança.

— Esse tambem não sahi!

Soube depois o que se passára no governo civil. O futuro era uma sombra densissima. E o ar era de cada vez mais pesado, adensado de pavor e de imprescações de raiva.

— Hei de contar-lhes as horas da tarde d'esse dia terrivel: os canhões salvando roncões a espaços, gente a chorar nas ruas, os jornaes devorados pela anciedade, o brado de Botelho Moniz: *Vingança! Vingança!*... e os politicos a começarem já, façoceiramente, nos quarteis, o seu primeiro crime — hoje felizmente não levado a cabo.

Recordo-me de que ao atravessar o Rocio, ao pé da Brazileira, vi uma *chusma* dos civis armados — lévas de presos cortavam já a praça entre improprios e pancada do povo em cólera — e um homenzarrão alto, typo de revolucionario, dizia para um grupo, friamente:

— O' rapazes, vocês já sabem: quem ahí aparecer de cara alegre é morto!

E estabeleci então que os democraticos não viriam ao povoado...

F. V.

# VIDA INTENSA

Por J. de Faria Machado.

## Attentados.

**E**NTRE o nefando attentado de fevereiro de 1908 e o vil assassinato de dezembro de 1918, ha uma certa paridade, uma tal ou qual correlação historica.

São eguaes as determinantes, identicas as doutrinas dissolventes, que fanatisaram os assassinos. O incitamento veio do mesmo antro, os traços homicidas armaram-se na mesma horrivel escola de dissolvençia e terror.

Nas suas devidas proporções a figura do Dr. Sidonio Paes assemelha-se á figura do grande Rei. Ambos, em circumstancias quasi similares, reconheceram a miseria das clientellas politicas dissolvendo o paiz, e procuraram esmagar essas clientellas, salvar a sua terra emfim. Por isso morreram ás mãos traidoras dos sicarios. A republica nasceu d'um attentado e liquidada n'um attentado tambem. Não se illudam, tem a vida contada. Viveu, vive ainda cheia de sangue, fresvasando odio, chacina. Quem matou D. Carlos? Os politicos no seu egoismo e no seu *deboche* de convicções, pondo acima da Patria a tragica regedoria das suas ambições da sua venalidade. Quem matou Sidonio Paes? Os politicos esfaimados, corridos da gemella governativa, onde tripudiarão, onde mercadejaram carne e ouro ao desvário.

São eguaes os momentos historicos. Aproxima-os a mesma honesta ancia de salvar uma nacionalidade do atoleiro, liga-os a expressão do mesmo odio, da mesma ambição, do mesmo despeito politico. Um bando de quadrilheiros hontem como hoje, não hesitou perante o crime para governar a sua existencia de crime para satisfazer as suas ambições de mando. Em 908 os republicanos repelliram as responsabilidades da tragedia do Terreiro do Paço, como em 918, as repellem do crime do Rocio. Mas esses homens no momento da victoria glorificaram o

regidicio, como se acaso triumphassem agora glorificariam os assassinos de domingo. Se esses bandos forçassem a historia, eternamente alli ficariam amarrados ao peso d'esses dois crimes.

Mataram Sidonio Paes porque esse homem procurava realizar a impossivel tarefa de salvar a republica e procurava faze-lo com honestidade e com lealdade, devemos confessar-lo. Não a realisaria, mas esgotaria todos os meios para o conseguir. Era a sua unica ambição, o seu unico proposito.

E morreu por isso... como D. Carlos morreu por tentar salvar a Patria. Vencedor da demagogia, d'esde essa hora que a demagogia proferiu a sentença fatal; tentou revoluções e liquidou-o pelo attentado; encolheu-se em doutrinas de conciliação, em protestos d'arrepentimento, como o tigre se agacha para atacar melhor. E atacou, feriu, matou, e não desarmará. Vingou-se do homem mas não se vingou do regimen. Hoje agachada, rasteira, crocodillando arrependimentos, prepara o salto, ensaia as garras para de novo ferir. Não ha castigo que a desarme, ameaça que a intimide. Tem fome do poder e só no poder desarmará.

Habitou-se ao luxo, ao conforto, ao mando, ao roubo, ao tripudio e custa-lhe a mediania em que tem de viver.

Não se resigna facilmente. Lucta e luctará até ao momento em que uma grande energia a liquida de vez.

Até lá, mascarada de sovietismo, fazendo greves, ou formulando protestos, assaltando, perturbando, na tribuna, nos jornaes, na rua, a demagogia será a mesma irreconciliavel fera, a mesma desvairada inimiga da ordem e do direito, da liberdade e da justiça.

Nasceu assim, assim ha-de morrer.

# O Funeral do Dr. Sidonio Paes



**F**ORAM imponentissimas as manifestações de pesar realizadas na capital por ocasião da trasladação do cadáver do saudoso chefe do Estado para os Jeronymos.

A' frente seguiam em automóveis o sr. presidente da república e o ministério; e a pé senadores, deputados, pessoal do congresso conduzindo uma corôa; Camara Municipal de Lisboa, levando o estandarte o vereador sr. Dodro e Silva, por ser o mais novo; outras corporações administrativas do paiz, esquadrão de cavallaria 4; coche, puxado a tres parelhas, conduzindo sacerdotes; arção conduzindo a urna, a cujos cordões pegavam os secretarios e ajudantes do extinto; um grupo de creanças vestidas de anjos, officialida-



1.ª Na Praça do Commercio — Corporações que tomaram parte no funeral do Dr. Sidonio Paes aguardando a organisação do cortejo funebre. — 2.ª Os secretarios, officiaes de serviço e amigos intimos do Dr. Sidonio Paes saindo com o feretro do edificio da Camara Municipal onde esteve exposto. — 3.ª Um aspecto do grandioso cortejo funebre.

de, etc., fechando o cortejo funebre um esquadrão de cavallaria e seguindo-se lhe innumerables automoveis conduzindo diversas personalidades.

No Arsenal, junto ao edificio da camera e até ao Terreiro do Paço, abria alas o corpo de marinhos, que



rua Augusta, Rocio e Chiado. O cortejo funebre levou a desfilar no Chiado, desde a uma hora e meia ás 4 da tarde. A esta hora seguiam pelo largo das Duas Igrejas os regimentos de cavallaria escoltando o pre-tito.

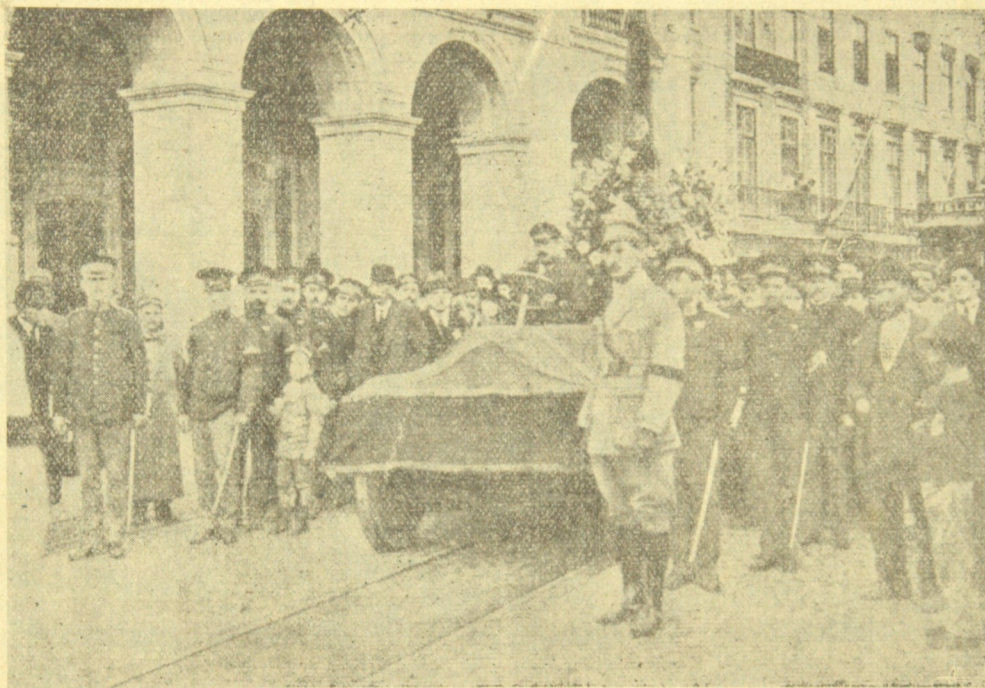


à passagem do feretro tocou uma marcha funebre.

Ainda a urna com o cadaver do mallogrado e querido presidente da republica não tinha sahido da Camara Municipal e já muitas corporações iam ao fundo da rua do Alecrim, depois de haverem percorrido a



A nota mais impressionante do imponentissimo funeral foi-lhe dada pela pobreza de Lisboa. Centenares de homens, mulheres e creanças, velhinhas encaquilhadas, pequenitos descalcos, gente andrajosa, muitos chorando copiosamente e um grande numero



1.º O pessoal da Casa da Moeda com uma corôa a caminho da Camara Municipal. — 2.º O automovel da Manutenção Militar com as corôas do pessoal, officiaes, sargentos e praças em serviço n'aquelle estabelecimento militar.

trazendo ao peito o retrato do dr. Sidonio Paes, constituíam talvez para não poucas pessoas uma revelação da miséria que se esconde em alguns bairros de Lisboa e que o finado presidente soccorreu.

Cêrca das 3 horas appareceram aviões sobre o Chiado. O ruído tão característico dos motores não produziu susto. A attenção do publico dividiu-se então pelo cortejo que ia desfilar lentamente ou pelo espectáculo dos ceus, onde arrojados aviadores, fa-

ria, que ia semi-coberta com a bandeira nacional, de varias janellas foram arremessadas flôres.

O sr. dr. Antonio Cardido, que foi padrinho do doutoramento do sr. dr. Sidonio Paes, conduzia no cortejo o capello do extinto presidente da Republica. A commoção do grande orador era profunda. Quem o viu passar no Chiado, dentro de uma carruagem da presidencia da republica e cuja parelha era guiada pelo antigo cocheiro da senhora D. Maria Pia de Sa-



ziam proezas de uma temeridade inconcebível. Um dosapparelhos dava a impressão de roçar pelos telhados, vendo-se distinctamente os seus tripulantes, as côres nacionaes e os longos crepes que adornavam os aeroplanos.

Prolongaram-se por mais de dez minutos as evoluções aereas, que a multidão contemplou admirada e cheia de enthusiasmo pelo arrojio dos nossos homens do ar.

Ao surgir, no Chiado, o armão com a urna func-

boia, não deixou de reparar na extraordinaria consternação do principe dos nossos oradores.

A orchestra Blanch, postada no largo das Duas Egrejas, começou tocando assim que o feretro entrou na rua Garrett. Momentos depois, a tropeada dos cavallos abafava os acordes musicaes.

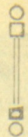
Na parte exterior dos Jeronymos o serviço da policia era feito por uma força de cavallaria da guarda republicana, commandada por um capitão, e uma força de policia sob o commando do tenente Vinagre,



1.ª Uma galera do Corpo de Bombeiros Municipaes de Lisboa conduzindo um grande numero de ramos de flôres e corôas de varias collectividades da capital e provincias. — 2.ª Corôa offerecida pelo pessoal do jornal o «Seculo» com a seguinte dedicatoria: — Ao grande portuguez Sidonio Paes — O pessoal do «Seculo». 3.ª Uma deputação de Bombeiros Voluntarios com corôas

que se encontrava formada em alas desde a escadaria do mosteiro até ao altar-mór, com baionetas caladas.

Dentro do edificio dos Jeronymos aguardavam o prestito funebre varias pessoas de cathogoria, entre as quaes o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha, Rev.<sup>mo</sup> Arcebis-



do a banda a marcha funebre de Beethoven. «A morte de um heroe», á chegada do cortejo funebre.

A porta principal dos Jeronymos encontrava-se coberta de crepes e desde a porta principal, por onde entrou o cadaver, até ao altar mór foi estendida uma larga alcatifa preta.



po de Mitylae, Bispos de Portalegre e de Vizeu, Arcebispo de Evora e todo o corpo diplomatico.

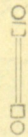
Sobre o arco cruzeiro onde está formado o catafalco foram accesos seis tocheiros de prata. A cabeceira do catafalco foi collocada a corôa do presidente Wilson e aos pés as corôas da mãe, da esposa, filhos, irmãos e sobrinhos do dr. Sidonio Paes. Nas faces lateraes do catafalco foram depostas as corôas do presidente e do governo da republica franceza, do rei de Hespanha, do corpo diplomatico e do Centro Colonial. Sobre quatro grandes ca valetes, cobertos de crepes, ha muitas outras corôas.

O corpo diplomatico e os officias da marinha americana, ingleza, franceza e hespanhola tomaram assento na capella-mór e o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha, sentou-se n'um faldistorio em frente do catafalco.

O «Libera-me» foi entoado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha, acolytado por conegos e beneficiados.

O cadaver do sr. dr. Sidonio Paes, depois de estar alguns dias em exposição, será trasladado para a antiga capella do Santissimo, onde estiveram os restos mortaes do Visconde Almeida Garrett.

Entre as grades dos Jeronymos e o templo formaram os alumnos da Casa Pia, com a respectiva banda, sob o commando do major sr. Camara Pestana, executan-

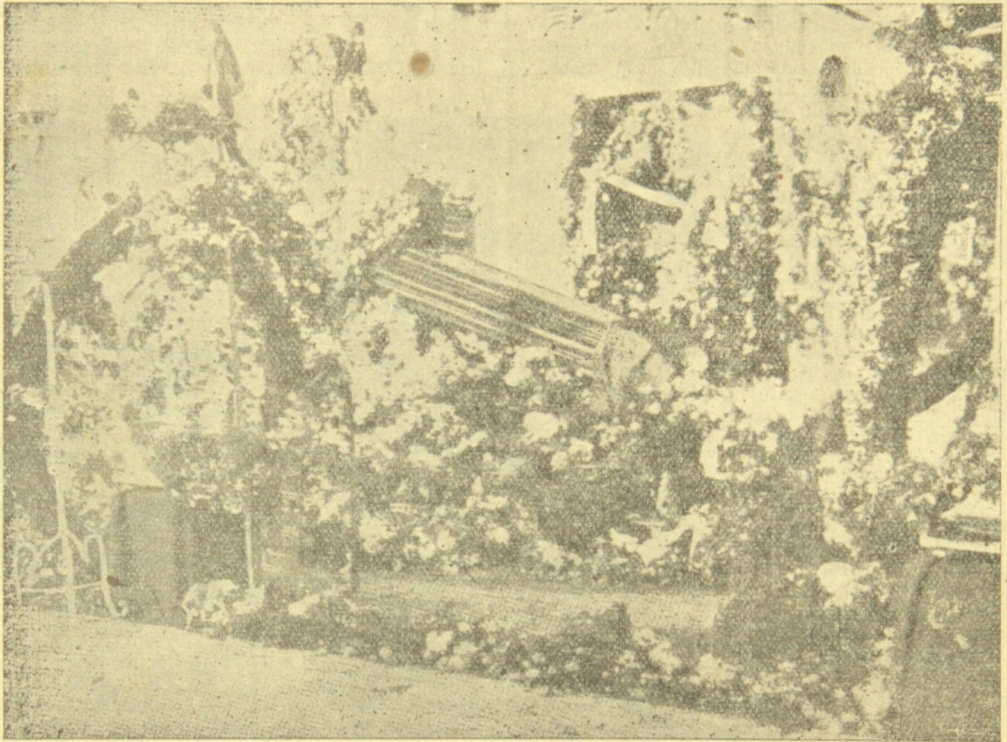
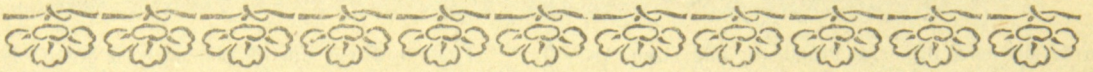
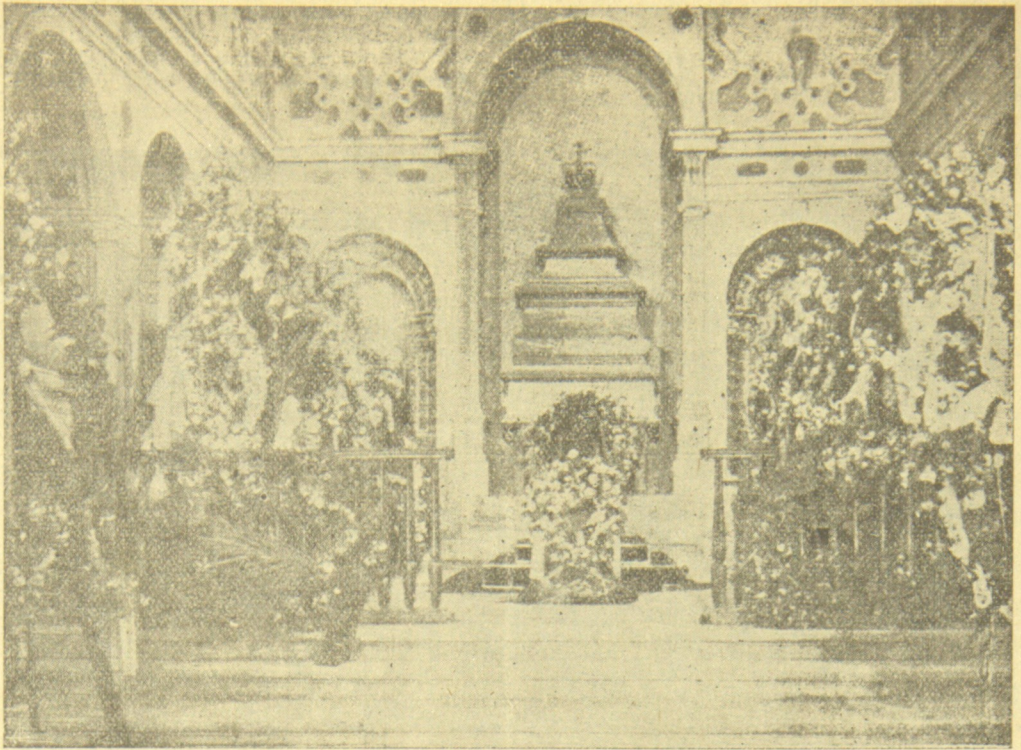


do a banda a marcha funebre de Beethoven. «A morte de um heroe», á chegada do cortejo funebre. Fimdo o cortejo funebre, pôde dizer-se qua o vasto templo dos Jeronymos ficou coalhado de corôas e outras demonstrações de saudade e protesto. Se as dedicatorias d'essas corôas exprimiam geralmente homenagem de respeito, algumas traduziam protesto contra o barbaro assassinato do dr. Sidonio Paes.



1.<sup>a</sup> Coche a quatro parellas com corôas da freguezia do Soccorro. — 2.<sup>a</sup> A carreta conduzindo a corôa do pessoal da fiscalisação dos abastecimentos que se incorporou no cortejo.





1.<sup>a</sup> Nos Jeronymos — A capella onde vae ser depositado o cadaver do Dr. Sidonio Paes. — 2.<sup>a</sup> Nos Jeroaymos — O catafalco completamente coberto de flôres.

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.  
2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de malestia actual, ou habitual (pajlavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incursu em processo algum ecclesiastico ou civil.

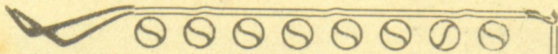
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aijubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

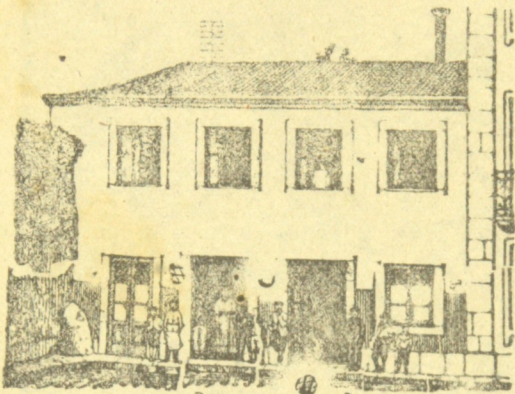
Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livreria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



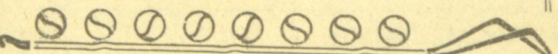
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Gasa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria.

## Colégio Académico

**GUIMARÃES**

**Campo da Misericórdia**

A casa de educação e ensino mais antiga desta cidade

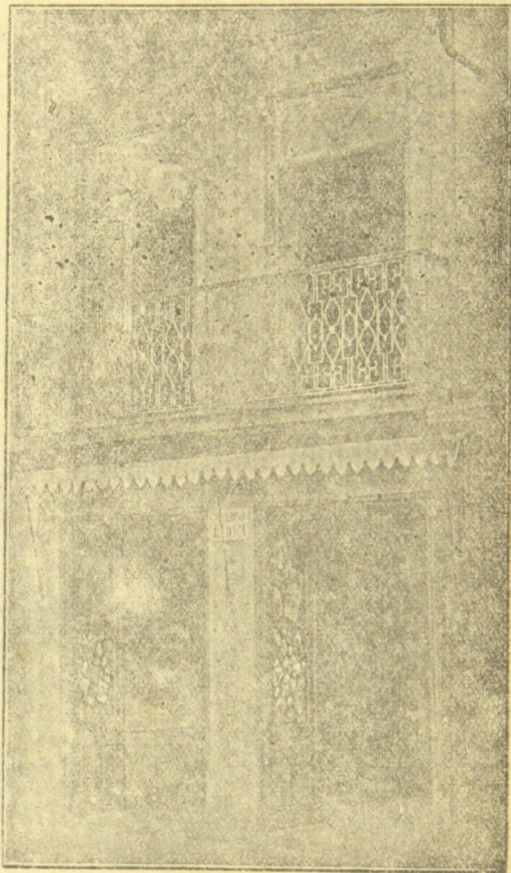
Bons resultados nos exames e sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

*Dr. Alfredo Peixoto*

*Luiz Gonzaga Pereira*

*D.º José Maria dos Santos*



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44 Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**